

Luciana Pavowski Franco Silvestre
(ORGANIZADORA)

Desafios das
**CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS**
no desenvolvimento da ciência

2



Luciana Pavowski Franco Silvestre
(ORGANIZADORA)

Desafios das
**CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS**
no desenvolvimento da ciência

2



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof.ª Dr.ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof.ª Dr.ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof.ª Dr.ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof.ª Dr.ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.ª Dr.ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof.ª Dr.ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof.ª Dr.ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Dr.ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof.ª Dr.ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Desafios das ciências sociais aplicadas no desenvolvimento da ciência 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Luciana Pavowski Franco Silvestre

Da dos Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D441 Desafios das ciências sociais aplicadas no desenvolvimento da ciência 2 / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0011-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.110222303>

1. Ciências sociais. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco (Organizadora). II. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A Atena Editora apresenta o Ebook “Desafios das Ciências Sociais Aplicadas no Desenvolvimento da Ciência”. Com um total de trinta e dois artigos organizados em dois volumes que congregam pesquisas relacionadas a cinco temáticas principais.

No volume 1: Políticas Públicas; Política de educação e práticas relacionadas a atuação do serviço social. No volume 2: O mundo do trabalho e geração de renda e Comunicação, tecnologia e inovação.

As pesquisas mostram-se contemporâneas e relevantes diante dos desafios identificados para a vida em sociedade, pautando temáticas como a pandemia, as relações trabalhistas, estratégias de inovação para fortalecimento da cidadania, enfrentamento as situações de pobreza, violência, aspectos territoriais, consumo, comunicação, reformas trabalhistas e previdenciárias.

Para além da importância das temáticas abordadas, o Ebook pauta o desafio da ciência na abordagem de dimensões bastante complexas que exigem rigor teórico e metodológico para a realização de análises do tempo presente, mas além disto, um tempo permeado por turbulências e inquietações que tornam a pesquisa nas Ciências Sociais ainda mais necessária.

As dimensões das pesquisas que compõem os dois volumes do Ebook apresentam correlação entre si, possibilitando um olhar mais integral e contextualizado dos elementos que implicam nos diferentes fenômenos estudados.

Ressaltar este aspecto mostra-se necessário diante dos objetivos do desenvolvimento de pesquisas nas Ciências Sociais, dentre as quais identifica-se o reconhecimento das diferentes características das relações sociais instituídas, desafios e problemas expressos e possibilidades de identificação de estratégias que venham a atender as necessidades existentes. Estes elementos, não de forma linear, mostram-se presentes no desafio e na necessidade de se fazer ciência através das Ciências Sociais.

Desejo uma ótima leitura a todas e a todos, e que estes artigos possam inspirar e contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas e para o desvelamento das diferentes nuances da vida em sociedade.


Luciana Pavowski Franco Silvestre

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

TENDÊNCIA DO CRESCIMENTO DO VALOR DA PRODUÇÃO ANIMAL NOS ESCRITÓRIOS DE DESENVOLVIMENTO RURAL DO ESTADO DE SÃO PAULO


Paulo André de Oliveira
Sergio Augusto Rodrigues
Carlos Roberto Padovani
Ricardo Ghantous Cervi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1102223031>

CAPÍTULO 2..... 9

O POTENCIAL DE ECONOMIA NO MERCADO LIVRE DE ENERGIA BRASILEIRO PARA DIFERENTES CONSUMIDORES E DISTRIBUIDORAS

Bruno Rodrigues Fernandes Franciscato
Lumila Souza Girioli Camargo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1102223032>

CAPÍTULO 3..... 38

CONSTRUINDO UMA ECONOMIA SOLIDARIA E INCLUSIVA E UMA TRAJETÓRIA CONSTITUTIVA DO BEM VIVER: EMPREENDEDORISMO SOLIDÁRIO E PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES


Tania Cristina Teixeira
Emmanuele Araújo da Silveira
Karen Munhoz de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1102223033>

CAPÍTULO 4..... 59

UMA ADAPTAÇÃO DA TÉCNICA FREINET PARA AVALIAÇÃO DE NOVAS PRÁTICAS DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO


Silvia Grizafis Ferreira
Vilmara Sabim Dechandt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1102223034>

CAPÍTULO 5..... 72

PRECARIEDAD Y PROFESIÓN DEL MERCADO LABORAL DEL TRABAJADOR SOCIAL EN EL ESTADO DE HIDALGO 2005-2012

Carlos Martínez Padilla







 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1102223035>

CAPÍTULO 6..... 88

FLEXIBILIZAÇÃO DA LEGISLAÇÃO TRABALHISTA E DURAÇÃO DE CRISES: UMA ANÁLISE DE PAÍSES SELECIONADOS


Alex Gomes Estevam

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1102223036>

CAPÍTULO 7	106
PÓS-DEMOCRACIA, REFORMA TRABALHISTA E A LIMITAÇÃO À ATUAÇÃO DO PODER JUDICIÁRIO NO BRASIL: UMA REFLEXÃO CRÍTICA E PONTUAL	
Maria Soledade Soares Cruzes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1102223037	
CAPÍTULO 8	120
PLANO DE NEGÓCIOS COMO INSTRUMENTO FUNDAMENTAL NA SOLIDEZ DO MERCADO	
Aline Camargo Iara Sônia Marchioretto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1102223038	
CAPÍTULO 9	130
PREFERÊNCIA PELA REMUNERAÇÃO POR DESEMPENHO: ANTECEDENTES E CONSEQUENTE NO CONTEXTO BRASILEIRO	
Leonardo Quintas Rocha Bruno Felix Von Borell de Araujo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1102223039	
CAPÍTULO 10	153
A PERDA DO DIREITO DE ADOECER: O TRABALHADOR FRENTE AO DESMONTE DA PREVIDÊNCIA SOCIAL	
Ana Claudia Caldas Mendonça Semêdo Tássia Cristina Palma Sampaio Nascimento	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.11022230310	
CAPÍTULO 11	162
ACIDENTES, MORTES E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO EM UMA EMPRESA DE ELETRICIDADE: O CASO DOS TRABALHADORES TERCEIRIZADOS DA CEMIG	
Igor Silva Figueiredo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.11022230311	
CAPÍTULO 12	173
INOVAÇÃO NO SETOR PÚBLICO E O PAPEL DOS ATORES POLÍTICOS: POLÍTICAS PÚBLICAS PARA ANIMAIS DOMÉSTICOS	
Danielle de Araújo Bispo Hironobu Sano Elisabete Stradiotto Siqueira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.11022230312	
CAPÍTULO 13	190
RELATO DE EXPERIÊNCIA QUANTO AO PROJETO DE EXTENSÃO: “A REPRESENTAÇÃO FOTOGRÁFICA COMO REFLEXO DO IMAGINÁRIO SOCIAL DOS CENTROS URBANOS”	
Maria de Lourdes Vieira Frujeri	

Patrícia Bárbara Sousa da Silva

Patrícia Albuquerque de Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11022230313>

CAPÍTULO 14..... 214

TRANSPORTE ALTERNATIVO NO RIO DE JANEIRO: UMA ESTRATÉGIA DE CONTORNAMENTO TERRITORIAL

Leonardo Oliveira Muniz da Silva

Giovani Manso Ávila

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11022230314>


CAPÍTULO 15..... 226

O IMPACTO GERADO NOS CONSUMIDORES PELA SOBRECARGA DE INFORMAÇÕES NO CONTEXTO ONLINE: UMA CONSTRUÇÃO TEÓRICA

Danieli Hermes Rodrigues

Ana Rita Catelan Callegaro

Rosane Maria Seibert


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11022230315>

CAPÍTULO 16..... 235

IMPACTO DAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS NOS EMPREGOS E O FUTURO DO TRABALHO PÓS ERA COVID

Euriam Barros de Araújo

Zulmara Virginia de Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11022230316>

CAPÍTULO 17..... 246

A INTELIGENCIA ARTIFICIAL COMO AUXILIAR DA EXECUÇÃO DA AUDITORIA E MONITORAMENTO NO PROGRAMA DE COMPLIANCE

Lara Regina Morais Evangelista


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11022230317>

CAPÍTULO 18..... 256

ESTRATÉGIAS DE DIFUSÃO DA INFORMAÇÃO E DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EJA EM BIBLIOTECAS

Valdirene Pereira da Conceição

Maurício José Morais Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11022230318>

CAPÍTULO 19..... 262

ESTUDO EXPLORATÓRIO-DESCRIPTIVO ACERCA DA PROPRIEDADE INTELECTUAL E INOVAÇÃO NO AMBIENTE DE TRABALHO SOB A ÓTICA DE PERITOS OFICIAIS DE NATUREZA CRIMINAL

Epaminondas Gonzaga Lima Neto

Ana Karla de Souza Abud

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11022230319>

SOBRE A ORGANIZADORA.....	275
ÍNDICE REMISSIVO.....	276

PRECARIEDAD Y PROFESIÓN DEL MERCADO LABORAL DEL TRABAJADOR SOCIAL EN EL ESTADO DE HIDALGO 2005-2012

Data de aceite: 01/03/2022

Carlos Martínez Padilla

Profesor Investigador de la Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo (UAEH)
México

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo explorar el mercado laboral de los trabajadores sociales del estado de Hidalgo en el periodo 2005-2012 desde la perspectiva de la profesión y de la precariedad laboral. El mercado laboral de los trabajadores sociales se elaboró con la Encuesta Nacional de Ocupación y Empleo -ENOE- 2005-2012 del Instituto Nacional de Estadística y Geografía (INEGI) 2018. Los principales hallazgos muestran que los trabajadores sociales son empleados de medianas y grandes organizaciones que limitan su capacidad para usar su experiencia y conocimiento. Asimismo, se observó que, el estado de Hidalgo es una entidad que cuenta con una mayor participación de trabajadores sociales en el mercado laboral a nivel nacional. La precarización laboral se puede observar en determinados años en los que existe una amplia participación de determinados trabajos y, que posteriormente, disminuyeron o desaparecieron dichos trabajos. Por ejemplo, en el 2009, el 4.17 % de los trabajadores sociales eran funcionarios y directivos y, trabajadores en protección y vigilancia, pero años previos y posteriores sus tasas de participación laboral era mínimas o nula.

PALABRAS CLAVE: Profesión, semi-profesión,

trabajador social, mercado laboral.

ABSTRACT: This work aims to explore the labor market of social workers in the state of Hidalgo in the period 2005-2012 from the perspective of the profession and precarious job. The labor market of social workers was elaborated with the National Survey of Occupation and Employment -ENOE- 2005-2012 of the National Institute of Statistics and Geography (INEGI) 2018. The main findings show that social workers are employees of mediated and large organizations They limit your ability to use your experience and knowledge. Likewise, it was observed that the state of Hidalgo is an entity that has a greater participation of social workers in the labor market at the national level. Precarious Job can be observed in certain years in which there is a wide participation of certain jobs and, later, these jobs decreased or disappeared. For example, in 2009, 4.17% of social workers were civil servants and managers, and protection and surveillance workers, but previous and subsequent years their labor participation rates was minimal or null.

KEYWORDS: Profession, semi-profession, social worker, labor market.

1 | INTRODUCCIÓN

En las últimas décadas los mercados laborales se han caracterizado por ofrecer un trabajo precario, es decir, un trabajo inestable, sin seguridad social, bajos salarios, malas condiciones de trabajo y, con alta rotación de personal. El empleo de los trabajadores

puede ser mediante contratos de duración determinada, o bien, sin contrato alguno. Los jóvenes experimentan en mayor grado la precariedad laboral lo que provoca que tardan en emanciparse de su familia y, presentan poca movilidad social ascendente (Martínez, 2021).

Otro grupo vulnerable de la precariedad laboral lo constituyen las mujeres. Ellas, por mucho tiempo, trabajaron en el hogar y, cuidaban de sus hijos como de la casa en la que habitaban. Por su parte, los hombres tenían la responsabilidad de obtener ingresos y, atender los asuntos del mundo exterior del hogar. Hoy, esta situación ha cambiado. Las mujeres trabajan tanto como los hombres. Además, las mujeres le siguen dedicando tiempo tanto a su familia como a su trabajo extradoméstico. No obstante, “el reparto de papeles por géneros continúa siendo los mismos. Nuestras mentalidades no han evolucionado, ni nuestras instituciones han sido revisadas” (Meda, 2002).

Existen tres teorías que analizan el dominio masculino y el patriarcado del mercado laboral femenino (Hakim, 2004): la teoría de Steven Goldberg fundamentada en procesos psicofisiológicos; la teoría de Heidi Hartmann sustentada sobre la organización colectiva de los hombres para promover sus propios intereses en contra de los de las mujeres a través de los sindicatos, el sistema legal y las organizaciones políticas y; la teoría de Gary Becker quien señala que la especialización de los roles de marido y mujer en el hogar explicaría la desigualdad de género en el empleo. Estas teorías presentan varias limitaciones: presentan un reduccionismo económico; tienen un argumento funcionalista en la relación entre capitalismo y trabajo doméstico; y tratan de forma superficial la esfera doméstica para teorizar el contexto familiar (Fine, 1992).

Este trabajo propone abordar la desigualdad del mercado laboral desde las profesiones y desde la precariedad laboral, en particular la profesión del Trabajador Social. No pretende analizar las distintas perspectivas teóricas sino exponer de forma panorámica el contexto en el que se desenvuelven los trabajadores sociales del estado de Hidalgo. A través de diferentes gráficas de mercado laboral se pueden observar varios rasgos de la profesión y de la precariedad laboral.

2 | ANTECEDENTES

Ha habido tipologías que tratan de enmarcar a distintas profesiones. Las teorías esencialistas analizan las condiciones o atributos de una ocupación profesional; las teorías funcionalistas estudian los elementos relevantes de una profesión para el funcionamiento de la sociedad; las teorías críticas consideran a los profesionales como miembros de organizaciones que luchan por su autonomía y poder; las teorías posrevisionistas analizan fenómenos concretos como el papel del Estado o, la mujer profesional o, las relaciones entre profesionales y burócratas, etc. y, las teorías del declive piensan que las profesiones se han desprofesionalizado o proletarizado (Martínez, 2020). Otra propuesta, concibe que todas las profesiones poseen una teoría sistemática, autoridad, sanción comunitaria,

códigos éticos y, una cultura (Greenwood, 1960).

El término profesión ha sido utilizado indiscriminadamente. Es un título codiciado por muchas actividades. Se menciona que existen profesionistas de baile, de béisbol, de actuación, de arte, de música, médica y jurídica, entre otras. También muchas personas se llaman a sí mismas profesionales para obtener una distinción social. O bien, se piensa que tan solo con contar con un título universitario, una actividad como la enfermería o el trabajo social, automáticamente se convierten en profesionales. Muchos más consideran que una persona es un profesional si dedica todo su tiempo a una actividad, en contraposición a alguien que sólo se dedica de manera transitoria o provisional (Flexner, 2001).

También se considera profesional a aquellos trabajadores que tienen una actividad remunerada. Un trabajo reconocido cuyo resultado es de alta calidad, o bien como una categoría especial de una ocupación (profesionales médico y jurídicos). En determinadas actividades, al trabajador social no se le paga como sería el participante de una liga dominical de un deporte (Payne, 2006). Asimismo, puede haber ocupaciones que buscan tener un proyecto profesional, es decir, reclaman su reconocimiento profesional. Este reclamo, muchas veces se traduce en un intento sistemático de ciertas ocupaciones que cuentan con escasos recursos culturales y técnicos, para llevarlos hacia un sistema de ocupaciones institucionalizadas (Bolton, y, Muzio, 2008).

Si bien los estándares objetivos de una definición actual pueden cambiar en el transcurso del tiempo, se requiere de un punto de partida para caracterizar a una profesión. Cada ocupación puede presentar diferentes etapas y, patrones de profesionalización. Generalmente se toman como referente a las profesiones que han sido reconocidas histórica e universalmente como serían el derecho o, la medicina. Son el modelo típico de la profesión establecida y, representan un punto de referencia para las ocupaciones que intentan hacer un proyecto profesional. La docencia y la enfermería se les tratado como semiprofesiones, aunque presentan muchos de los rasgos estructurales y organizativos de las profesiones. La docencia no cuenta con suficiente autonomía sobre su trabajo o, control de conocimientos (Bolton, y, Muzio, 2008).

Los defensores de la profesionalización en el trabajo social han intentado obtener un grado suficiente de autonomía para lograr sus objetivos ocupacionales, además del prestigio social o, buenos salarios. A través de las asociaciones profesionales y las agencias de servicios han justificado la expansión del territorio ocupacional hacia el alivio de la pobreza y, la angustia (Hugman, 2003).

Desde el surgimiento del Trabajo Social se discute si 'es' o 'debería ser' una profesión. Por un lado, el trabajo social se considera como una nueva profesión. Por otro lado, al comparársele con profesiones tan antiguas y legitimadas como la medicina o el derecho, no es considerada como profesión. El trabajo social, como ocupación, comenzó en la segunda mitad del siglo XIX en paralelo con el desarrollo de la enfermería. Ambas ocupaciones han sido del dominio patriarcal (Hugman, 2003).

En los Estados Unidos, el trabajo social presenta un control interno clasista y étnico. Las prácticas y valores del trabajo social reflejan los intereses de algunos miembros, en especial de los niveles superiores, caracterizados desde mediados del siglo XX, por hombres blancos de clase media. Aunque, en menor proporción, muchas mujeres han alcanzado puestos directivos en áreas del Trabajo Social, también han sido blancas de clase media (Hugman, 2003).

En México, el trabajo social emerge de las instituciones públicas. En la década de 1930, el trabajo social era una carrera nueva entre las profesiones. Las trabajadoras sociales, también conocidas en ese momento como inspectoras sociales, realizaban labores en la Beneficencia Pública ejerció sin el reconocimiento formal de un título emitido por una escuela. Allí realizaban actividades de clasificación, registro y análisis de las personas que recibían recursos de la asistencia. En otras instituciones se desempeñaban realizando proyectos de asistencia social, atención pública, labores auxiliares en educación, justicia, protección a los enfermos y asistencia a los pobres (Lorenzo, 2018: 720):

“Por ello, para suplir la carencia de personal especializado, la Beneficencia Pública del Distrito Federal instruyó a sus primeros “inspectores” en el marco de un programa de asistencia social cuyo propósito fue estudiar la pobreza urbana. Entre abril y junio de 1930, Moisés Sáenz, director de la Beneficencia Pública, invitó a Eyley Newton Simpson, sociólogo de la Universidad de Chicago, para que dictara un curso a los “inspectores sociales” de la Beneficencia Pública. Es así que la política pública fue el marco formativo de estos empleados.

3 | DISCUSIÓN TEÓRICA

Como se ha visto en la sección anterior, muchas ocupaciones que en el pasado fueron no profesionales han evolucionado hasta convertirse en profesionales. Por tanto, ¿cuáles son los estándares objetivos para considerar una profesión? Flexner (2001) en 1915 identificó seis:

1. Carácter intelectual con gran responsabilidad individual. Los profesionales poseen una inteligencia libre, ingeniosa y sin obstáculos para ser aplicada a los problemas, a los cuales busca comprender. Ellos ejercen una gran discreción en cuanto a lo que se debe hacer. No están bajo órdenes de alguien más, aunque si existe la cooperación con otras personas.
2. La ciencia y el aprendizaje es su materia prima.- Ellos actualizan constantemente sus conocimientos. Esto les permite evitar que sus actividades se vuelvan instrumentales, mecánicas o rutinarias y, pierdan su carácter intelectual y responsable.
3. La actividad realizada tiene un fin práctico y definido.- Las actividades que realiza tienen un propósito definido. Los médicos tienen conocimientos muy definidos sobre la anatomía, fisiología, farmacología, etc. y, los aplican a la preservación y restauración

de la salud. El conocimiento de la arquitectura se basa en las matemáticas, la física, etc., y, es aplicado en el diseño y construcción de edificios.

4. Técnica comunicable.- Cada profesión posee una técnica capaz de comunicarse a través de una disciplina educativa ordenada y altamente especializada. Los miembros de una profesión están de acuerdo a los objetivos específicos que la profesión busca cumplir, así como los objetivos específicos que el practicante de la profesión debe dominar para alcanzar el objeto en cuestión. Los miembros de una profesión pueden identificar la cantidad y calidad de la formación, general y especial, que debe preceder a la admisión a un lego en la escuela profesional, así como al contenido y duración del curso profesional. Los requisitos de formación buscan excluir de las profesiones a aquellos incapaces de ejercerlas de manera amplia, libre y responsable. Al mismo tiempo, se asegura que las personas potencialmente capaces reciban la formación necesaria para obtener el máximo beneficio posible de la formación impartida.

5. La autoorganización. Una profesión es como una hermandad porque las actividades profesionales son tan definidas en sus deberes y responsabilidades por sus miembros. Incluso, su vida social, incluida su familia, tiende a organizarse en torno a un núcleo profesional. Ellos se pueden organizar en grupos organizados para responder al interés público.

6. Altruismo. Los grupos profesionales buscan verse a sí mismos como órganos ideados para el logro de fines sociales en lugar de órganos formados para luchar por la afirmación de los derechos o la protección de los intereses y principios propios.

Flexner concibió al trabajador social como un agente que convoca, coopera y coordina a varios especialistas profesionales, el trabajo social se debería considerar como una actividad que está en contacto con muchas profesiones, pero no una profesión en sí misma. Por esa razón, varias escuelas de Trabajo Social enumeran diversos tipos de puestos ocupacionales para sus graduados que van desde el cuidado de niños, trabajo religioso, agencias cívicas, mejoramiento industrial, etc. (Payne, 2006).

El pensamiento de Flexner influyó en diversos teóricos y organizaciones profesionales para lograr los estándares que había sostenido para una profesión. Algunos teóricos como Nokes señalaron que las profesiones del bienestar no deberían basarse exclusivamente en la ciencia sino en la comunicación de ideales de cuidado y preocupación en la sociedad. Sainsbury apuntó en el mismo sentido. Propuso que el trabajo social desarrolla habilidades en el equipo para satisfacer las necesidades cambiantes. No obstante, en 1969, otra investigación a cargo de Nina Toren sostuvo que el trabajo social era una semiprofesión porque y que era imposible que alcanzara el estadio de profesión porque los trabajadores sociales son empleados por organizaciones limitan su capacidad para usar su experiencia y el conocimiento (Payne, 2006).

4 | MÉTODO

La participación de la mujer en los mercados laborales ha aumentado notablemente desde finales de del siglo pasado. Las mujeres han logrado dominar numéricamente ciertos mercados laborales que antes eran dominados por hombres, como sería el derecho, la administración o, la docencia. No obstante, los hombres continúan dominando los puestos superiores. Esta forma de organización del trabajo está históricamente arraigada en las concepciones culturales de la masculinidad y, en los arreglos institucionales basados en el poder patriarcal (Bolton, y, Muzio, 2008).

Se utilizaron los datos de la ENOE 2005-2012 porque en dicho periodo, la encuesta especifica el nombre de la carrera que estudiaron los sujetos. Además, la ENOE tiene como objetivo proporcionar información sobre: la población que se ha incorporado en los mercados de trabajo, así como en las condiciones en que lo ha hecho. Los datos presentados representan el promedio de los datos obtenidos cada trimestre en un año. Ver Tabla 1.

AÑO	TRIM	MUESTRA	AÑO	TRIM	MUESTRA	AÑO	TRIM	MUESTRA
2005	1	342	2008	1	340	2011	1	395
	2	365		2	348		2	394
	3	342		3	350		3	382
	4	349		4	352		4	369
2006	1	339	2009	1	360	2012	1	372
	2	336		2	365		2	388
	3	352		3	385			
	4	342		4	399			
2007	1	340	2010	1	395			
	2	331		2	402			
	3	334		3	400			
	4	335		4	388			

Tabla 1.- Muestra de trabajadores sociales en la ENOE 2005-2012

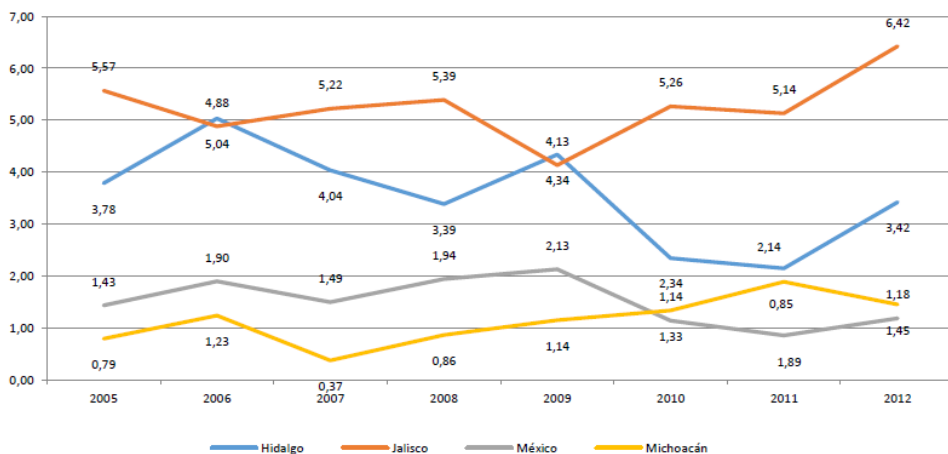
Fuente: Elaboración propia

La encuesta levanta información de una muestra representativa de las viviendas del país. La muestra comienza con la selección de grupos de viviendas en una primera etapa y termina con la selección de viviendas. Posteriormente, hace uso de técnicas probabilísticas aplicadas a un universo agrupado en conglomerados y segmentado en estratos. Se busca que todos los sectores económicos que la integran estén representados en ésta. La confiabilidad de la información de la ENOE se sustenta en un diseño probabilístico que garantiza, aun sin visitar todas las viviendas del país, la validez de la información para todo

el universo de estudio” (INEGI, 2010).

5 | RESULTADOS

La Gráfica 1 muestra los trabajadores sociales de los estados de Hidalgo, Jalisco, México y Michoacán. El estado de Jalisco presenta la mayor proporción de Trabajadores Sociales en el mercado laboral. El estado de Hidalgo también presenta una gran proporción de Trabajadores Sociales. En 2005, los trabajadores sociales del estado de Hidalgo representaron el 3.78 % y, en el 2012 representaron 3.42% de los trabajadores del país. En el estado de México ha habido una tendencia casi constante. En el año 2005, el 1.43% y en el 2012 presentaba el 1.45% de los trabajadores sociales. Por último, Michoacán mostró en el 2005 un 0.79% de trabajadores sociales del país y, para el 2012 el 1.18% de la población de trabajadores sociales.

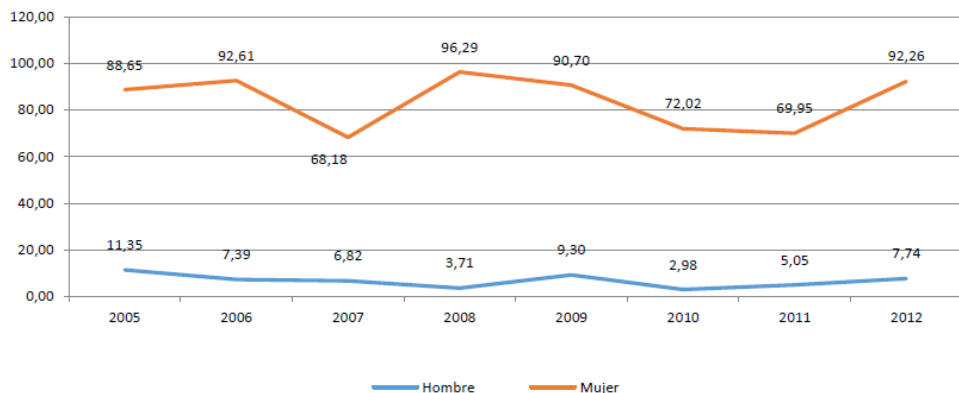


Gráfica 1. Población de Trabajadores Sociales por entidad 2005-2012

Fuente: Elaboración propia en base a ENOE 2005-2012

A través de la Gráfica 2 se puede observar el sexo de la muestra de trabajadores sociales. Las mujeres ocupan la gran mayoría de la muestra. Las mujeres conformaron el 88,65% de la población en 2005, situación que se mantuvo casi constante hasta 2012 con un 92,26%. Sin embargo, la muestra femenil del 2007 presenta una descenso de casi 25 puntos porcentuales. En el 2006 llegó a representar el 92.61% de la muestra y para el 2007 se situó en 68,18%.

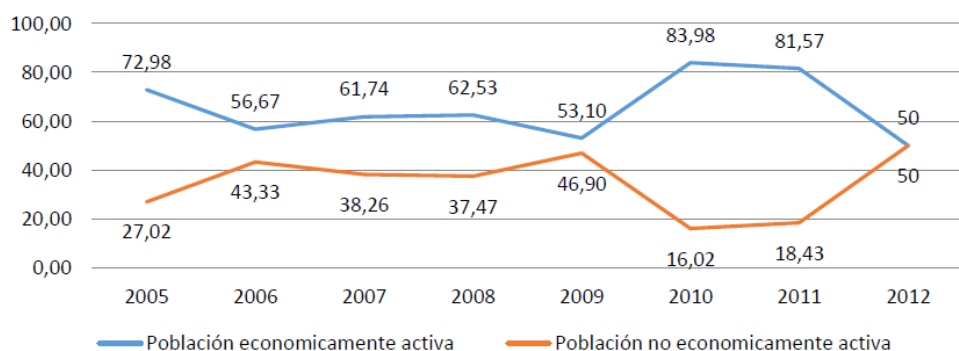
Con respecto a los varones, ellos en el 2005 representaron el 11,35% de la entidad y, en el 2012 descendió a 7,74%. Es decir, en este periodo, en la entidad se ha consolidado la feminización de la profesión. Ver gráfica 2.



Gráfica 2. Población de Trabajadores Sociales por sexo en el estado de Hidalgo, 2005-2012

Fuente: Elaboración propia en base a ENOE 2005-2012

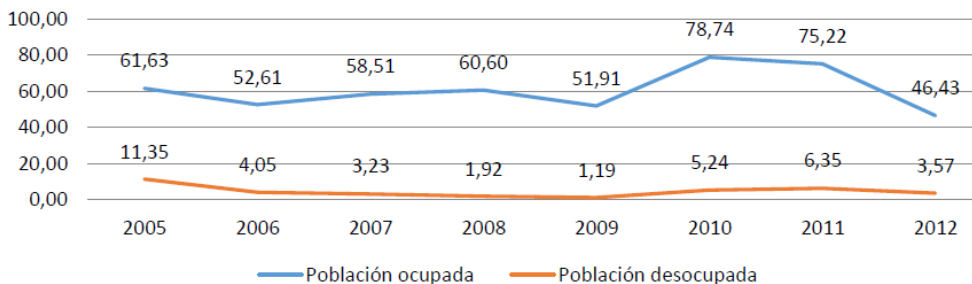
En la Gráfica 3 se aprecia a la Población Económicamente Activa (PEA) y Población No Económicamente Activa (PNEA). Mientras la PEA muestra un comportamiento sin tendencia pasando de 72,98% a 50% entre 2005 y 2012 presentando su porcentaje más alto en 2010 con 83,98%, la PNEA muestra un comportamiento simétrico con respecto al PEA pero de manera inversa. Pasa de 27,02% en 2005 a 50% en 2012, con su nivel más bajo en 2010 donde se conforma apenas un 16,02%.



Gráfica 3. Población Económicamente Activa (PEA) y Población No Económicamente Activa (PNEA) de trabajadores sociales en Hidalgo, 2005-2012

Fuente: Elaboración propia en base a ENOE 2005-2012

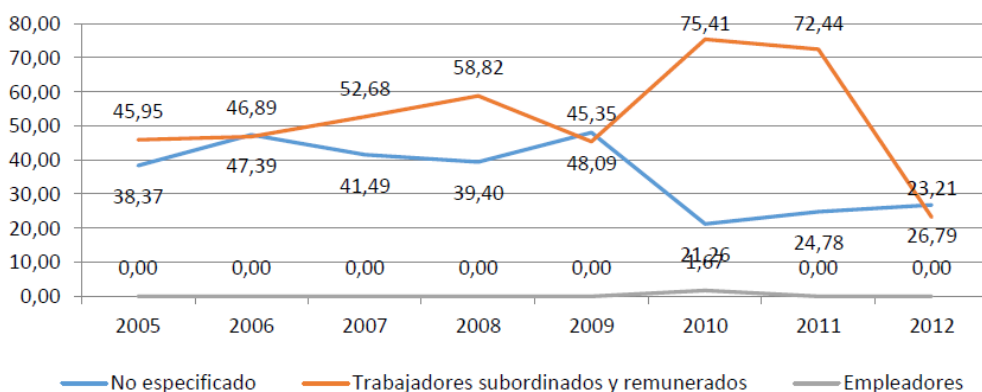
La Gráfica 4 muestra a la población ocupada y desocupada de trabajadores sociales en Hidalgo. En cuanto a la población desocupada se mantiene constante y en bajos niveles, con una tendencia decreciente que lleva del 11,35% en 2005 a 3,57% en 2012, la población ocupada se mantiene en números altos y más o menos constantes. De 61,63% en 2005 a 46,43% en 2012 con su punto máximo en 2010 del 78,74%.



Gráfica 4. Población ocupada y desocupada de trabajadores sociales de Hidalgo, 2005-2012

Fuente: Elaboración propia en base a ENOE 2005-2012

A través de la Gráfica 5 se observar el porcentaje de determinadas posiciones por parte de la población ocupada. Aquellos que se ubican como trabajadores subordinados y remunerados muestran un descenso porcentual. Mientras en 2005 se constituían en un 45,95%, para 2012 solo representaron un 26,79%. Sin embargo, el decrecimiento muestra puntos altos y bajos, negando una tendencia clara, siendo sus puntos más altos y significantes los registrados en 2010 y 2011 representando un 75,41% y 72,44% respectivamente. En el caso de los empleadores, estos apenas tienen presencia constituyéndose únicamente con un 1,67% en 2010. Aquellos que no especifican su posición no muestran ninguna tendencia significativa, aunque una leve disminución entre 2005 con 38,37% y 2012 con un 26,79%. Por tanto, El planteamiento de Toren y de Hugman (2003) de que el Trabajo Social no sería una profesión porque los trabajadores sociales tienen un empleo subordinado seguiría teniendo vigencia.



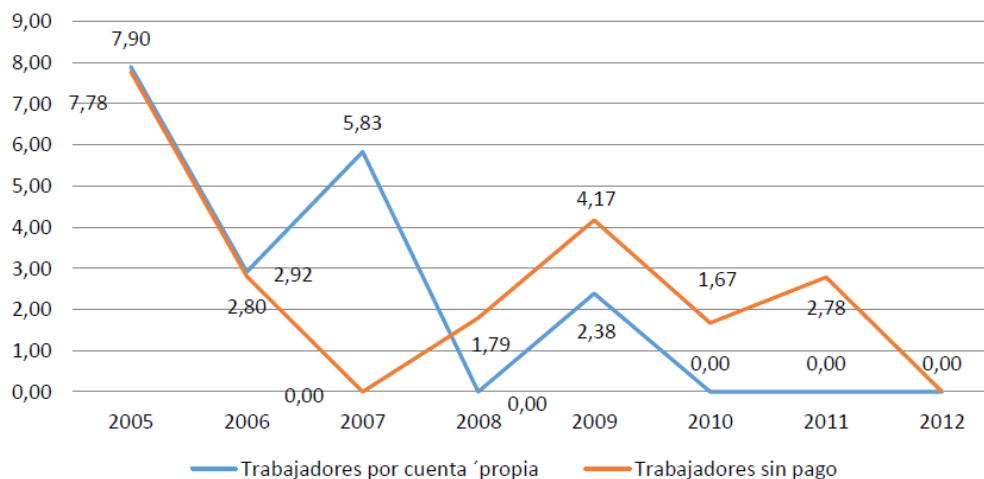
Gráfica 5. Población ocupada por posición en la ocupación de trabajadores sociales en Hidalgo 2005-2012

Fuente: Elaboración propia en base a ENOE 2005-2012

La Gráfica 6 presenta a los trabajadores por cuenta propia y a los trabajadores sin

pago. Ambas poblaciones presentan similitudes durante el periodo establecido, pues para 2005 parten de 7,90% y 7,78% mientras que para 2012 llegan a 0%. Presentan aparentes ciclos siendo 2007 un año contrastante pues mientras los trabajadores sin pago alcanzan a situarse en 0%, los que trabajan por cuenta propia representan el 5,83% de la población general.

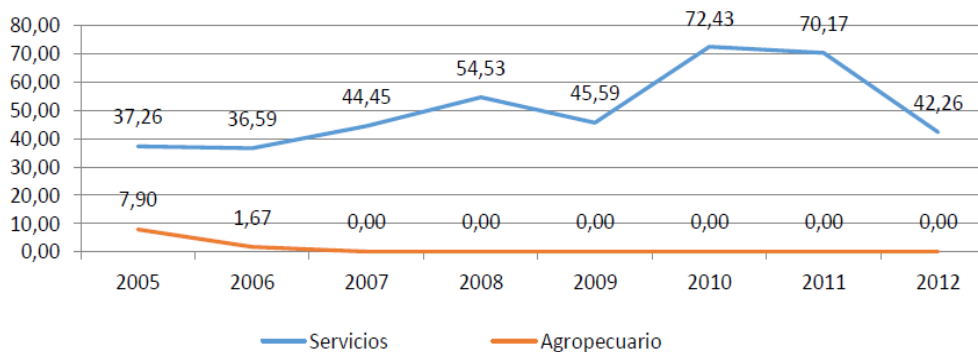
La Gráfica 7 presenta los porcentajes de la población ocupada por sector de actividad económica. En este caso, se exponen a tres sectores. Mientras la industria manufacturera muestra una constante pasando de 3,45% en 2005 a 4,17% en 2012, en el sector comercio la tendencia ha disminuido gradualmente, pasando de 13,02% a 0% en el mismo lapso de tiempo. Los sectores no especificados muestran un incremento al pasar de 38,37% en 2005 a 53,57% en 2012, aunque dicho crecimiento no sea constante, pues en los años 2010 y 2011 se presentan los porcentajes más bajos, llegando a 21,26% y 24,78% respectivamente.



Gráfica 6. Población ocupada por posición en la ocupación de trabajadores sociales en Hidalgo 2005-2012

Fuente: Elaboración propia en base a ENOE 2005-2012

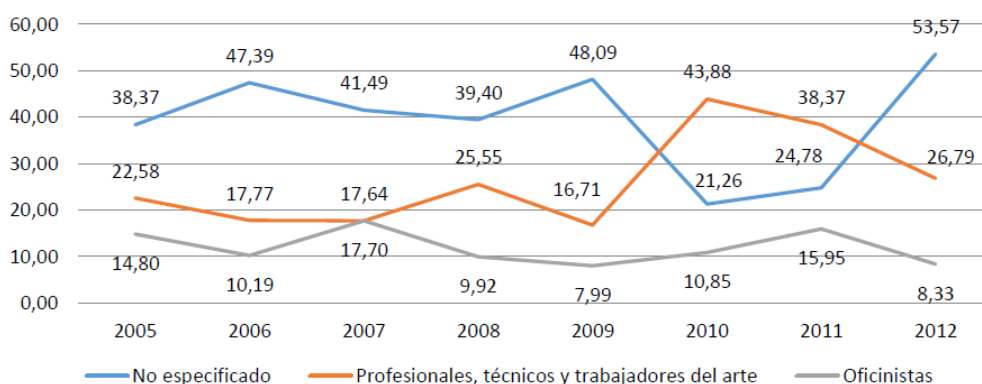
El sector de servicios constituye el principal sector económico de participación laboral del trabajador social. Tan solo en el año 2010 su participación en este sector represento el 72.43 %. Su participación en otros sectores económicos es mínima. Por ejemplo, a partir del 2008 se empieza observar la incorporación del trabajador social en la industria manufacturera y un descenso constante desde el 2006 en el sector comercio. Desde el 2008 hasta el 2012, tanto en la industria manufacturera como en el comercio, su participación en el mercado laboral, no supera el 6%. Ver Gráfica 7.



Gráfica 7. Población ocupada por sector de actividad económica de los trabajadores sociales en Hidalgo, 2005-2012

Fuente: Elaboración propia en base a ENOE 2005-2012

La Gráfica 8 muestra la condición por ocupación de los trabajadores sociales de algunos sectores. Para el caso de los oficinistas, la tendencia se mantiene constante y de forma al parecer cíclica, teniendo niveles altos en 2005 con un 14.80%, 2007 con 17.70% y en 2011 15.95%, y niveles bajos en 2006, 2009 y 2012 el cual tiene un 8.33%. En cuanto a los profesionales, técnicos y trabajadores del arte, no se muestra ninguna tendencia, para 2005 llegaban a conformar el 22,58% mientras que para 2012 eran 26,79%. Los casos no especificados muestran un comportamiento irregular de igual forma, estando en 2005 con 38,37% y aumentando a 53,57% en 2012.



Gráfica 8. Condición de ocupación de los trabajadores sociales en Hidalgo, 2005-2012

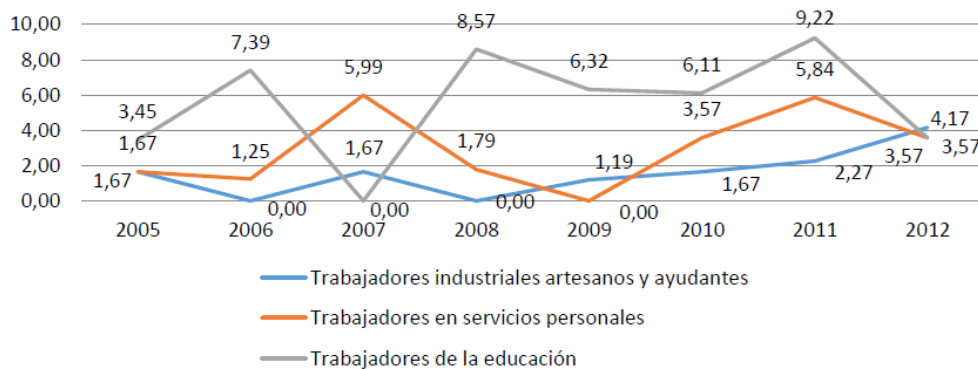
Fuente: Elaboración propia en base a ENOE 2005-2012

La sugerencia de Díaz (2006) de que el Estado comparta con el sector privado la ocupación de los trabajadores sociales, aún no se vuelve una realidad. La gran mayoría de los trabajadores sociales son trabajadores subordinados y remunerados en el sector

servicios. Incluso en el 2010 y en el 2011, siete de cada diez trabajadores sociales se encontraba laborando en el sector servicios. Aunque en los otros años se pudiera considerar que los trabajadores sociales se encuentran laborando en el sector privado, su inserción al mercado laboral correspondería al comercio y al sector manufacturero, áreas en las que los trabajadores sociales tuvieron que ingresar por necesidad o por voluntad propia, sin la intervención del Estado.

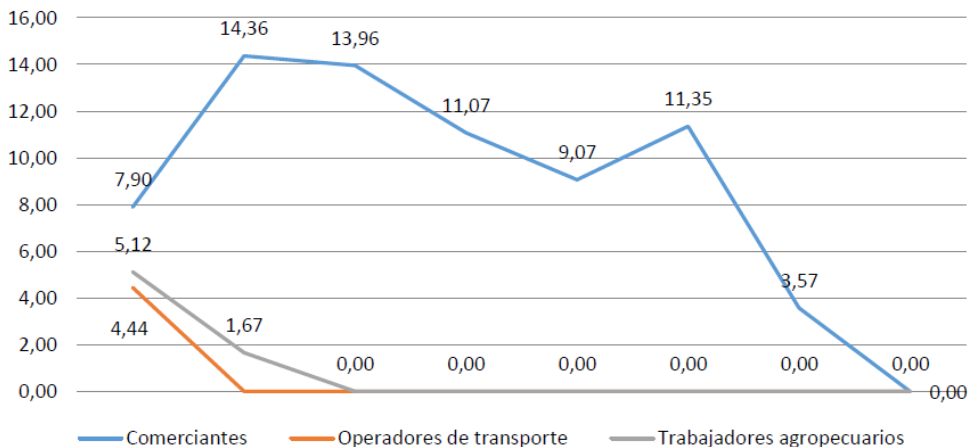
En la Gráfica 9 se muestran otro tipo de ocupaciones. Los trabajadores industriales, artesanos y ayudantes se mantienen a la alza y constantes pasando de un 1,67% en 2005 a un 4,17 en 2012. Los trabajadores en servicios personales parten del mismo porcentaje en el mismo año, aunque para 2012 llegan a 3,57% mostrando irregularidades en el mismo lapso. En cuanto a lo que refiere a trabajadores de la educación estos se muestran de forma más irregular, pues si bien en el 2005 y 2012 muestran números parecidos (3,45 y 3,57), tienen alzas y bajas estando las más significativas en 2007 con 0% y 2011 con 9,22%.

En la Gráfica 10 se observa el porcentaje de otras tres condiciones de ocupación; los comerciantes, los operadores de transporte y los trabajadores agropecuarios. Los primeros muestran los números más altos, aunque con un gradual y claro descenso de 2006 con 14,36% a 2012 con 0%. En el segundo y tercer caso, se presentan situaciones similares. Un descenso de transporte 4,44% a 0% entre 2005 y 2006, y para el caso agropecuario un descenso de 5,12% en 2005 a 0% en 2007, manteniéndose ambas en 0% hasta 2012.



Gráfica 9. Condición de ocupación de trabajadores sociales en Hidalgo, 2005-2012

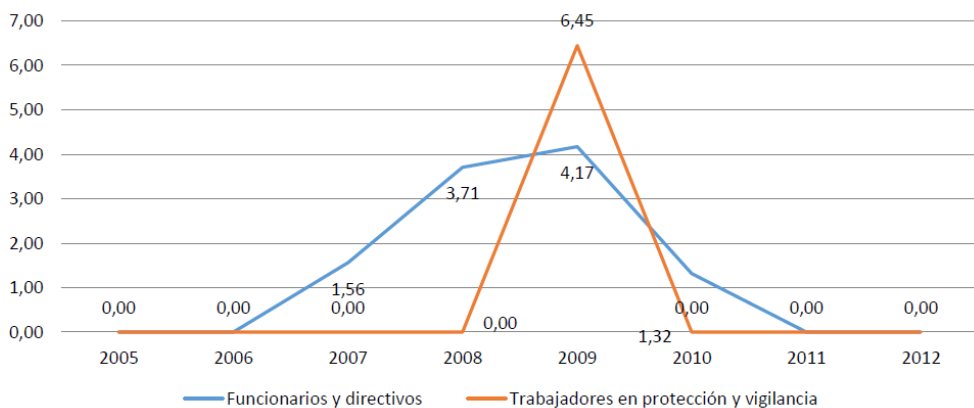
Fuente: Elaboración propia en base a ENOE 2005-2012



Gráfica 10. Condición de ocupación de trabajadores sociales en Hidalgo, 2005-2012

Fuente: Elaboración propia en base a ENOE 2005-2012

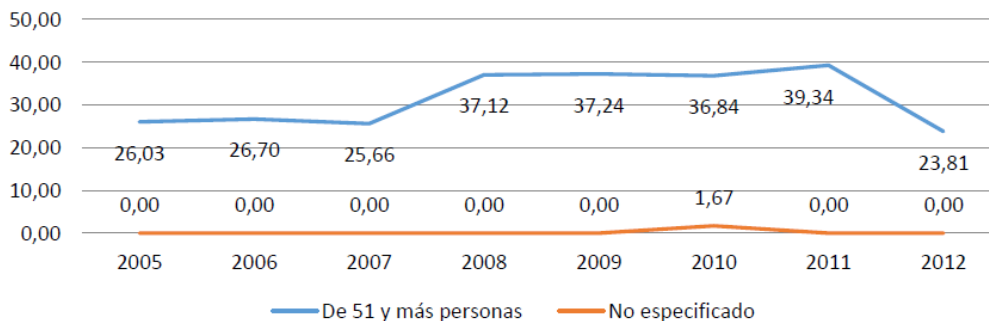
La Gráfica 11 muestra dos ocupaciones más. Los trabajadores en protección y vigilancia y los funcionarios y directivos, el primero con solo presencia en 2009 con un 6,45% y los funcionarios y directivos muestran porcentajes significativos solo en los años 2008 con un 3,71% y 2009 con un 4,17% de la población.



Gráfica 11. Condición de ocupación de trabajadores sociales en Hidalgo, 2005-2012

Fuente: Elaboración propia en base a ENOE 2005-2012

La gran mayoría de los trabajadores sociales labora en organizaciones conformadas de 51 o más personas. En el 2005, su participación en estas organizaciones era del 26 % y para el 2011 su participación ascendió a 39.34 %. En las otras organizaciones de menor tamaño, su participación es mínima. Ver Gráfica 12.



Gráfica 12. Número de trabajadores en unidades productivas en Hidalgo, 2005-2012

Fuente: Elaboración propia en base a ENOE 2005-2012

6 | CONCLUSIONES

Los datos presentados por la ENOE sugieren que la profesión de trabajo social, ejercida por egresados de la Lic. en trabajo Social ha descendido sensiblemente en el estado de Hidalgo del 2005 al 2012. A partir del 2012, los microdatos de la ENOE solo mide la ocupación de trabajo social sin considerar que tales trabajadores hubieran egresado de una Lic. en Trabajo Social. De los cuatro estados presentados, solo el estado de Jalisco presenta un aumento en el mercado laboral de trabajadores sociales. Se requiere en futuros estudios analizar el funcionamiento de los mercados laborales por entidad. En especial, comprender el por qué en ciertas entidades del país aumenta o desciende la participación de trabajadores sociales en el mercado laboral.

Asimismo, en el estado de Hidalgo se ha consolidado la feminización del mercado laboral de trabajadores sociales. No se cuenta con evidencia que muestre que las personas que ejercen el trabajo social pertenezca a una clase social. En otro trabajo se presentarán las características de las instituciones en las cuales los trabajadores sociales se integran al mercado laboral.

El empleo para las trabajadoras sociales es independiente del desempleo de la profesión. Las tasas de desempleo y desempleo para el periodo 2005-2012 no muestran una correlación entre sí. En los años 2010 y 2011, en los que existe alta desocupación, también se presenta que existe una alta ocupación del trabajo social. Mientras que en el periodo del 2005 al 2008, la desocupación iba en descenso, la tasa de ocupación iba en aumento.

El trabajo subordinado del trabajador social predomina con respecto a otras posiciones de trabajo como serían los empleadores, los cuenta propistas o los que no reciben pago.

La participación del trabajador social en el mercado laboral es una incógnita. Más de la mitad de los encuestados no especificaron su ocupación. Es muy probable que estén

experimentando la precarización laboral y, por tanto, no pueden definir su situación laboral. No obstante, la cuarta parte de ellos, en el periodo mencionado, declaró ser profesionales, técnicos y trabajadores del arte y, menos del 10% declaró pertenecer al sector educativo.

Por último, es necesario reconceptualizar el término de profesión en el Trabajo Social. Muchas de las conceptualizaciones de la profesión tienen como fundamento la comparación con profesiones muy legitimadas como la medicina o el derecho. Se requiere evaluar la consolidación de la profesión en México a partir de criterios propuestos por trabajadores sociales y, no solamente por otras profesiones.

REFERENCIAS

Bolton, S. y Muzio, D. (2008). Los paradójicos procesos de feminización en las profesiones: el caso de las profesiones establecidas, aspirantes y semiprofesionales. *Trabajo, empleo y sociedad*. 22 (2): 281–299.

Díaz, J. (2006). Naturaleza y especificidad del Trabajo Social: un desafío pendiente de resolver. *Reflexiones para el debate*. *Katálisis*. 9 (2). 217-226.

Fine, B. (1992). *Women's employment and the capitalist family*. Londres. Routledge

Flexner, A. (2001). Is Social Work a Profession? 11 (2). *Research on Social Work Practice*. 152-165.

Greenwood, E. (1960). Attributes of a Profession. *Social Work*. 2. (3). 45–55.

Hakim, C. (2004). Key Issues in Women's Work Female Diversity and the Polarisation of Women's Employment. Londres. Routledge-Cavendish.

Hugman, R. (2003). *Social Work and De-professionalization*. En Abbott, P. y Meerabeau, L. *The Sociology of the Caring Professions*. 2nd edition. UCL Press.

Instituto Nacional de Estadística y Geografía –INEGI– (2010). *Encuesta Nacional de Ocupación y Empleo (2010)*. INEGI: México.

Instituto Nacional de Estadística y Geografía –INEGI– (2018). *Base de datos del IV trimestre del 2018 de la Encuesta Nacional de Ocupación y Empleo*. INEGI: México.

Lorenzo, M. (2018). Las trabajadoras sociales en la década de 1930. Asistir a los pobres y servir al Estado. *Historia Mexicana*. 68 (2). 713-746.

Martínez, C. (2020). El mercado laboral de los migrantes profesionistas en el estado de Hidalgo. *Revista Coloquio*. 7 (1). 1034-1055.

Martínez, C. (2021). Educación y precariedad laboral en el estado de Hidalgo. Ponencia presentada en el XI Congreso de la Asociación Mexicana de Estudios del Trabajo A. C. (AMET). Guadalajara, México.

Méda, D. (2002). *El tiempo de las mujeres. Conciliación entre vida familiar y profesional de hombres y mujeres*. Madrid. Narcea.

National Association of Social Workers. (2006). Women in the social work profession. In *Social work speaks: National Association of Social Workers policy statements 2006–2009* (7th ed., pp. 379–386). Washington, DC: NASW Press.

Payne, M. (2006). *What Is Professional Social Work?* Reino Unido. Policy Press.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração de empresas 9, 56, 233

Ambiente de contratação livre de energia 9

Animais 1, 4, 5, 7, 173, 174, 175, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189

Animais domésticos 173, 174, 175, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188

Atores políticos 173, 174, 175, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187

Auditoria 246, 247, 249, 252, 253, 255

B

Bem viver 38, 54

Brasil 3, 4, 5, 7, 9, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 46, 47, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 88, 89, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 113, 116, 118, 121, 125, 128, 130, 131, 132, 135, 137, 140, 145, 146, 147, 148, 149, 152, 155, 160, 161, 163, 164, 168, 171, 172, 175, 187, 188, 192, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 211, 212, 216, 219, 220, 224, 225, 241, 244, 245, 247, 248, 249, 254, 255, 256, 258, 259, 261, 262, 263, 264, 272

C

Capital humano 59, 60, 61, 62, 70

Cemig 13, 21, 22, 23, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171

Centros urbanos 190, 192, 193, 195, 196, 198, 199, 210

Cidade i-mobilizada 214

Comércio eletrônico 226, 227, 229, 230, 231, 232

Contexto online 226, 227, 229, 230, 231, 232

Contornamento territorial 214, 215, 219, 222

Covid-19 235, 236, 241

Crescimento 1, 3, 4, 5, 6, 7, 53, 62, 63, 68, 69, 71, 88, 89, 90, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 195, 206, 231, 240, 245, 263

D

Desemprego 40, 45, 48, 55, 57, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 111, 239, 240, 241, 243

Desenvolvimento 1, 3, 5, 7, 10, 14, 35, 37, 38, 40, 41, 43, 47, 48, 55, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 65, 66, 68, 70, 71, 103, 121, 137, 146, 147, 168, 190, 191, 192, 194, 195, 197, 226, 227, 229, 235, 236, 240, 244, 247, 248, 249, 250, 251, 258, 260, 262, 263, 272, 273, 274

Diversificação 1, 2, 194

E

Economia solidária 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58

Eletricitários 162, 167, 170, 171

Emprego 39, 44, 50, 53, 54, 90, 94, 101, 103, 116, 143, 162, 163, 171, 172, 202, 203, 235, 236, 238, 240, 241, 244, 245

Equação estruturada 130

F

Flexibilização trabalhista 88

Fotografia 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212

G

Gênero 38, 52, 140

Gestão empresarial 71, 120, 127

Gestão energética 9

I

Imaginário social 190, 192, 193, 195, 196, 198, 199, 210, 211

Informação étnico-racial 256, 257, 258, 259, 260

Inovação 52, 62, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 184, 185, 186, 187, 188, 230, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 245, 251, 262, 263, 266, 267, 270, 271, 272, 273, 274

Instrumento 2, 41, 43, 48, 59, 61, 64, 91, 103, 107, 110, 112, 120, 121, 122, 127, 137, 141, 191, 192, 193, 233, 264, 267

Inteligência artificial 236, 242, 244, 245, 246, 247, 250, 251, 252, 253

J

Judiciário 55, 106, 107, 113, 114, 115, 116, 117

M

Mercado laboral 72, 73, 78, 81, 83, 85, 86

Modo de produção 38, 39, 40, 41, 43, 44, 52, 53, 55, 58

Monitoramento 10, 35, 186, 188, 196, 246, 247, 249, 250, 252, 253

Mototáxi 214, 219, 220, 221, 222, 225

O

Olhar fotográfico 190, 193, 194, 197, 200

P

Pandemia 52, 235, 238, 241, 244
Papel educativo da biblioteca 256
Perícia criminal 262, 263, 272, 274
Planejamento 47, 60, 67, 68, 120, 121, 122, 125, 127, 128, 133, 148, 188, 260, 263
Plano de negócios 120, 121, 122, 126, 127, 128, 129
Políticas inovadoras 173, 174, 175
Pós-democracia 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 116, 117
Precarização 90, 111, 116, 158, 162, 163, 165, 171, 172
Previdência social 90, 153, 154, 156, 157, 158
Profesión 72, 73, 74, 75, 76, 78, 80, 85, 86

Q

Questionário 122, 129, 131, 137, 138, 140, 141, 179, 209, 262, 264, 273

R

Readaptação/Reabilitação 153, 154, 158, 159, 160
Recessão econômica 88, 90, 95, 101, 102, 103
Redução de custos fixos 9
Reforma trabalhista 88, 89, 95, 97, 99, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 113, 114, 116, 117, 118, 119
Regiões 1, 2, 3, 7, 12, 168, 188, 192
Regressão 1, 3, 12
Relato de experiência 190, 197
Remuneração por desempenho 130, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149
Revolução industrial 235, 236, 237, 238, 242, 244, 247, 251, 252, 255

S

Semi-profesión 72
Sobrecarga de informações 226, 227, 228, 230, 231, 232, 233

T

Tarifas de energia 9, 13, 15, 31, 36
Terceirização 162, 163, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172
Trabajador social 72, 73, 74, 76, 81, 85
Trabalhadores 41, 44, 45, 48, 89, 90, 92, 101, 102, 111, 112, 113, 116, 117, 131, 153, 156,

157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 192, 195, 236, 237, 240

Trabalho 1, 2, 3, 9, 12, 13, 15, 16, 17, 32, 33, 34, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 70, 71, 88, 89, 90, 96, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 127, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 142, 143, 145, 147, 149, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 184, 187, 188, 196, 197, 198, 200, 201, 205, 208, 209, 210, 211, 215, 216, 220, 221, 224, 228, 233, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 249, 253, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 267, 270, 271, 273, 274

Treinamento 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 205, 249, 267, 273

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Desafios das

CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

no desenvolvimento da ciência

2



🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Desafios das

CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

no desenvolvimento da ciência

2

